

LITERATURA BRASILEIRA
Textos literários em meio eletrônico
Sermão de Santa Teresa,
de Padre António Vieira

Texto Fonte:

Editoração eletrônica:
Verônica Ribas Cúrcio

Quinque autem ex eis erant fatuae, et quinque prudentes (1).

I

Quantas vezes os que pareceram acasos foram conselhos altíssimos da providência divina! Acaso parece que estava Cristo encostado sobre o poço de Sicar, e era conselho da Providência divina, porque havia de chegar ali uma mulher — a Samaritana — que se havia de converter. Acaso parece que entrava Cristo pela cidade de Naim, e era conselho da providência divina, porque havia de sair dali um moço defunto, que havia de ressuscitar. Acaso parece que passeava Cristo pelas praias do Mar de Galiléia, e era conselho da Providência divina, porque havia de chamar dali a dois pescadores, que, deixadas as redes e o mundo, o haviam de seguir. Parece-me, senhores, que me tenho explicado. Acaso, e bem acaso, aportei às praias desta ilha; acaso e bem acaso entrei pelas portas desta cidade; acaso e bem acaso me vejo hoje neste púlpito, que é verdadeiramente o poço de Sicar, onde se bebem as águas da verdadeira doutrina. E quem me disse a mim nem a vós se debaixo destes acasos se oculta algum grande conselho da Providência divina? Quem nos disse se haverá nesta Naim algum mancebo morto no seu pecado, que por este meio haja de ressuscitar? Quem nos disse se haverá nesta Samaria alguma mulher de vida perdida, que por este meio se haja de converter? Quem nos disse se haverá nesta Galiléia algum Pedro ou algum André, engolfados no mar deste mundo, que por este meio haja de deixar as redes e os enredos? Bem vejo que a força dos ventos e a violência das tempestades foi a que me trouxe a estas ilhas, ou me lançou e arremessou nelas. Mas quem pode tolher ao autor da graça e da natureza, que obre os efeitos de uma pelos instrumentos da outra, e que com os mesmos ventos e tempestades faça naufragar os remédios para socorrer os perigos? Obrigado da tempestade e do naufrágio chegou S. Paulo à Ilha de Malta, e do que ali então pregou o apóstolo, tiveram princípio aquelas religiosas luzes com que hoje se alumia e se defende a Igreja. Bem conheço quão falto estou da eloquência, e muito mais do espírito de São Paulo; mas na ocasião e nas circunstâncias presentes, ninguém me pudera negar uma grande parte de pregador, que é chegar a esta ilha vomitado das ondas.

Uma das coisas mais admiráveis, ou a mais admirável de todas as que se lêem em matéria de pregação, é o grande e universal fruto que fez a do profeta Jonas em Nínive. As maldades da cidade eram as mais enormes, o povo gentilício e sem fé, o pregador estrangeiro e não conhecido, o sermão brevíssimo, desarmado e seco, sem prova de razão nem de Escritura, e, contudo, que este sermão e este pregador convertesse o rei e a corte, e a populosíssima cidade a uma penitência tão geral, tão extraordinária, tão pública? Mas era Jonas um pregador vomitado pelas ondas. Pregava nele a tempestade, pregava nele a baleia, pregava nele o perigo, pregava nele o assombro, pregava nele a mesma morte, de que duas vezes escapara. Por certo que não foi tão grande a tempestade de Jonas como a em que eu e os companheiros nos vimos. O navio virado no meio do mar, e nós fora dele,

pegados ao costado, chamando a gritos pela misericórdia de Deus e de sua Mãe. Não apareceu ali baleia que nos tragasse, mas apareceu — não menos prodigiosamente naquele ponto — um desses monstros marinhos que andam infestando estes mares. Ele nos tragou, e nos vomitou depois em terra. Vomitado assim em terra Jonas, o tema que tomou foi: *Adhuc quadraginta dies, et Ninive subvertetur* (Jon. 3, 4): Daqui a quarenta dias se há de soverter Nínive. — Em terra onde os terremotos são tão contínuos e tão horrendos; em terra onde os montes são vivos, e comem e se sustentam de suas próprias entranhas, e estão lançando de si os incêndios a rios; em terra onde o fogo é mais poderoso que o mesmo mar oceano, e levanta no meio dele ilhas e desfaz ilhas; em terra onde povoações inteiras em um momento se viram arruinadas e sovertidas, que tema mais a propósito que o de Jonas: *Adhuc quadraginta dies, et Ninive subvertetur*? Se Nínive se sovertesse, seria milagre e castigo, mas, se se sovertesse — o que Deus não permitirá — esta cidade, podia ser castigo sem milagre. Supostas todas estas circunstâncias, mui a propósito vinha o tema ao pregador e ao lugar; mas é o dia mui de festa para assunto tão triste e tão funesto.

Gloriosa Teresa, terra onde vósestais e onde a devoção dos moradores tanto vos venera, segura pode estar de ser sovertida. Convertida, sim; sovertida, não. Por meio de Jonas converteu Deus a Nínive, e era Jonas tão imperfeito naquele tempo, que desobedecia a Deus e fugia dele. Mas tanto pode a força da graça! Quando vós, santa, vivíeis na terra, o maior emprego de vossas orações era encomendar os pregadores a Deus, para que convertessem e levassem a ele muitas almas, como vós levastes tantas. Oh! quem merecera nesta hora um raio da vossa luz e um assopro do vosso espírito! Não é menor hoje a vossa caridade, nem menos poderosa a vossa valia. Intercedei, gloriosa virgem, com a virgem e Mãe de vosso Esposo, para que me alcance do seu esta graça. Bem sabeis, santa, que graça é a que eu desejo: não aquela graça que faz soar bem as palavras nos ouvidos, não aquela graça que deleita e suspende os entendimentos, senão aquela graça que acende as vontades, aquela graça que abranda, que rende, que fere, que inflama os corações. Desta graça nos alcançai da Virgem Santíssima quanta ela vê que há mister a dureza de nossas almas e a frieza da minha. Ave Maria.

II

Quinque autem ex eis erant fatuae, et quinque prudentes (Mt. 25,2).

Com os olhos no céu, com os olhos na terra e com os olhos no Evangelho determino pregar hoje, que é o modo com que nas festas dos santos se deve pregar sempre. Deve-se pregar com os olhos no céu, para que vejamos o que havemos de imitar nos santos; deve-se pregar com os olhos na terra, para que saibamos o que havemos de emendar em nós; e deve-se pregar com os olhos no Evangelho, para que o Evangelho, como luz do céu na terra, nos encaminhe ao que havemos de emendar na terra e ao que havemos de imitar no céu. O que hoje nos põe diante dos olhos o Evangelho são dez virgens, cinco néscias e cinco prudentes, e isto é o que dizem as palavras que propus: *Quinque autem ex eis erant fatuae, et quinque prudentes*. Mas quando olho — coisa notável! — quando olho para as virgens prudentes com os olhos no céu, e quando olho para as néscias com os olhos na terra, vejo-as com os apelidos trocados. As prudentes, vistas com os olhos no céu, parecem-me néscias; e as néscias, vistas com os olhos na terra, parecem-me prudentes. Isto é o que se me afigura hoje, e esta será a matéria do sermão: que as prudentes, vistas com os olhos no céu, foram néscias, e que as néscias, vistas com os olhos na terra, foram prudentes. Mais claro: que as virgens prudentes, comparadas com Santa Teresa, foram néscias: *Quinque ex eis erant fatuae*; e que as virgens néscias comparadas conosco, foram prudentes: *Et quinque prudentes*.

III

A primeira coisa em que as virgens prudentes, comparadas com Santa Teresa, foram néscias, é que as virgens prudentes dormiram quando tinham obrigação de vigiar, e Santa Teresa vigiou quando tinha segurança para dormir. A obrigação que todas as virgens tinham de vigiar, declarou Cristo no fim do Evangelho, quando disse: *Vigilate, quia nescitis diem, neque horam (Mt. 25, 13)*: Vigiai, porque não sabeis o dia nem a hora. — Mas, poderá alguém replicar, e não sem fundamento, que estas

virgens, ainda que não sabiam a hora, ao menos sabiam o dia, porque foram convidadas para o dia das bodas. Contudo, é certo que não sabiam nem o dia nem a hora: não sabiam a hora em que havia de vir o Esposo, porque, havendo muito que esperavam, veio a meia-noite: *Media autem nocte* (Mt. 25,6); e não sabiam o dia, porque quem veio à meia-noite, se viera um pouco antes, vinha em um dia, e se viera um pouco depois, vinha em outro. E como o Esposo veio ao ponto da meia-noite, em que um dia natural acaba e o outro começa, ainda depois de vir não se sabe em que dia veio. — Não se sabe se foi no dia dantes ou no dia de depois; nem se sabe se foi em ambos os dias ou em nenhum deles, porque o ponto da meia-noite é instante, e aquele instante não é parte de nenhum dos dias, porque não é tempo. Sendo, pois, assim, que as virgens não sabiam o dia nem a hora, que contudo se descuidassem e adormecessem todas, néscias e prudentes: *Dormitaverunt omnes, et dormierunt* (Mt. 25, 5), não há dúvida que foi grande fraqueza: nas néscias foi ser o que eram, nas prudentes foi serem néscias. No mesmo Evangelho o temos.

Diz o Evangelho que saíram as dez virgens a receber o Esposo, e que, tardando o Esposo, adormeceram todas. Mas notai: quando diz que saíram, faz distinção de umas a outras, e diz que umas eram néscias e outras prudentes: *Quinque autem ex eis erant fatuae, et quinque prudentes*. Quando, porém, diz que adormeceram e dormiram, não faz distinção alguma; de todas fala pela mesma linguagem: *Dormitaverunt omnes, et dormierunt*. Pois, se o Evangelho faz distinção de prudentes a néscias quando saíram, por que não faz a mesma distinção de prudentes a néscias quando dormiram? Porque quando saíram foram diferentes no cuidado, e quando dormiram foram iguais no descuido: quando saíram foram diferentes no cuidado, porque cinco levaram óleo nas redomas, e cinco não; quando dormiram foram iguais no descuido, porque umas cinco e outras cinco, nenhuma resistiu ao sono, todas dormiram. E como ao sair cinco foram cuidadosas e cinco descuidadas, por isso fala delas com distinção o evangelista, e a cinco chama néscias, e a cinco prudentes; porém, ao dormir, como todas foram descuidadas, e nenhuma houve que vigiasse, por isso fala de todas sem distinção, porque não houve entre elas néscias e prudentes: todas foram néscias.

Todas as dez virgens foram néscias neste caso, se bem as prudentes menos néscias que as néscias, porque as néscias dormiram sem desculpa, as prudentes podiam dizer que quem está prevenido não dorme. Nas néscias tudo dormia, nas prudentes dormiam os olhos, mas vigiavam as redomas. Enfim, as virgens prudentes comparadas com as néscias, foram prudentes, porque tiveram mais prevenção, mas, comparadas com Santa Teresa, foram néscias. Por quê? Porque elas dormiram tendo obrigação de vigiar, pois não sabiam o dia nem a hora, e Santa Teresa vigiou tendo segurança para dormir, porque sabia o dia e a hora, e ainda mais.

IV

Um dos maiores favores que Santa Teresa recebeu de Deus, e em que excedeu a todos ou quase todos os santos, foram dois secretos que o mesmo Senhor lhe revelou, ocultos a todos os homens: o primeiro, quando havia de morrer; o segundo, que se havia de salvar. Alguns santos tiveram revelação de sua morte; Santa Teresa teve-a de sua morte e de sua predestinação. Por isso digo que Santa Teresa vigiou sabendo mais que o dia e mais que a hora: soube o dia e a hora, porque soube quando havia de morrer, e soube mais que o dia e mais que a hora, porque soube também que, morrendo, se havia de salvar. E que sobre estas duas ciências, sobre a ciência e certeza de quando havia de morrer, e sobre a ciência e certeza de que se havia de salvar, vigiasse, contudo, Santa Teresa sem adormecer nem se descuidar um momento, antes fazendo uma vida tão rigorosa e tão maravilhosa, esta é a maior maravilha de toda a sua.

Todos os homens neste mundo vivemos com duas ignorâncias: a primeira da morte, a segunda da predestinação. Todos sabemos que havemos de morrer, mas ninguém sabe o quando. Todos sabemos que nos havemos de salvar ou condenar, mas ninguém sabe qual destas há de ser. E por que ordenou Deus que a morte fosse incerta e a predestinação duvidosa? Não pudera Deus fazer que soubéssemos todos quando havíamos de morrer, e se éramos ou não predestinados? Claro está que sim; mas ordenou com suma providência que estivéssemos sempre incertos e duvidosos da predestinação, para

que a morte nos suspendesse sempre o temor com a incerteza, e a predestinação nos sustentasse a perseverança com a dúvida. Se os homens souberam quanto haviam de viver e quando haviam de morrer, que seria dos homens? Se eu, sabendo que posso morrer hoje, me atrevo a ofender a Deus hoje, quem soubesse que havia de viver quarenta anos, como não ofenderia confiadamente a Deus ao menos os trinta e nove? Por esta causa ordenou Deus que a morte fosse incerta, e pela mesma que a predestinação fosse duvidosa. Se os homens soubessem que eram precitos, como desesperados haviam-se de precipitar mais nas maldades; se soubessem que eram predestinados, como seguros haviam-se de descuidar na virtude; pois, para que os maus sejam menos maus, e os bons perseverem em ser bons, nem os maus saibam que são precitos, nem os bons saibam que são predestinados. Não saibamos maus que são precitos, para que não se despenhem como desesperados, nem saibam os bons que são predestinados, para que se não descuidem como seguros. De maneira que estas duas ignorâncias, a ignorância da morte e a ignorância da predestinação, são as bases do temor da morte e do temor do inferno, e estes dois temores, as duas mais fortes colunas sobre que todo o edifício da vida cristã se sustenta, para que os homens não vivessem como néscios, mas obrassem como prudentes. Porém a Santa Teresa tratou-a Deus com tal exceção, e fez da lealdade do seu amor tão diferente confiança, que em lugar destas duas ignorâncias lhe deu as duas ciências contrárias: a ciência de quando havia de morrer, e a ciência de que se havia de salvar, porque sabia que nem a ciência e certeza da hora da morte lhe havia de diminuir a vigilância, nem a ciência e segurança da salvação lhe havia de entibiar o cuidado. Saiba Teresa quando há de morrer, e saiba que se há de salvar, para que, obrando sobre estas duas ciências, saiba também o mundo quão fielmente me ama.

Tendo o evangelista São João escrito as ações da vida de Cristo, e passando a escrever as da sua morte e vésperas dela, diz assim: Ante diem festum Paschae, sciens Jesus quia venit hora ejus (Jo. 23,1): Antes do dia da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a hora de sua morte: Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos (Ibid. 1): Como tivesse amado aos seus em todo o tempo da vida, neste fim os amou mais. — Vai por diante o evangelista: Sciens quia a Deo exivit, et ad Deum vadit (Ibid. 3): E sabendo mais que ia para o céu e para Deus, assim como de lá tinha vindo: Ponit vestimenta sua, et caepit lavare pedes discipulorum (Ibid. 4): Tirou o Senhor os vestidos, e, pondo se em trajos de servo, começou a lavar os pés aos discípulos. — E assim vai continuando tudo o que o Senhor obrou naquelas horas últimas e tão cheias. De modo que, antes de São João descrever as últimas e maiores ações de Cristo, o reparo que fez e o prólogo de que usou, foi advertir e ponderar que tudo fizera o Senhor com duas ciências particulares: com ciência da hora de sua morte: Sciens quia venit hora ejus — e com ciência de que ia para o céu: Sciens quia ad Deum vadit. — Mas, com que fundamento e com que energia pondera o evangelista neste passo que obrava Cristo com estas duas ciências? Para sabermos que Cristo, enquanto Deus e enquanto homem, tinha ciência de todas as coisas presentes e de todas as futuras, não era necessário que o Evangelista no-lo advertisse. Pois, por que nota e pondera tanto neste passo que tinha Cristo ciência do dia e da hora da sua morte, e ciência de que ia e havia de ir ao céu? A razão foi porque Cristo, Senhor nosso, viveu com tanta cautela e vigilância em toda a sua vida, como se não tivera conhecimento da hora de sua morte, e preparou-se com tantas diligências e tão grandes e heróicas obras para a morte, como se não tivera conhecimento nem certeza de sua salvação. E que tendo Cristo ciência e certeza da salvação: Sciens quia ad Deum vadit — fizesse tantas diligências para a morte, e que tendo ciência e certeza do dia e da hora da morte: Sciens quia venit hora ejus — se portasse com tanta cautela e vigilância na vida? Foram umas circunstâncias de virtude e exemplo tão relevantes estas, ainda na vida e na morte do mesmo Cristo, que quis ele que as advertisse e ponderasse o evangelista, e que nós reparássemos muito nelas: Sciens quia venit hora ejus, in finem dilexit eos: Sciens quia ad Deum vadit, ponit vestimenta sua (2).

Ah! prudentíssima virgem Teresa, que com este dobrado sciens, com estas mesmas duas ciências fizestes néscias as que o Evangelho canoniza de prudentes! Vigilate, quia nescitis diem neque horam (3). Elas, não sabendo o dia nem a hora, dormiram; vós, sabendo mais que o dia e mais que a hora, vigiastes. As duas ciências que Cristo tinha por natureza e por graça, tinha Santa Teresa por revelação. Sabia por revelação o dia e a hora de sua morte: Sciens quia venit hora ejus; sabia por revelação que se havia de salvar e gozar de Deus: Sciens quia ad Deum vadit; e vivia com tanta vigilância sobre suas ações, como se o não soubera, antes receara muito o contrário. Sabia que lhe

havia de durar ainda a vida muitos anos, e vivia com tanta cautela como se temera morrer naquele dia. Sabia que era predestinada e que se havia de salvar, e preparava-se com tão extraordinárias obras para a morte como se duvidara muito de sua salvação. Enfim, obraram em Teresa estas duas ciências o que não chegam a obrar em nenhum homem aquelas duas ignorâncias, não tendo a esposa de Cristo outro paralelo das finezas de seu amor neste caso mais que as da próprio Esposo.

Se Cristo fora um homem como nós, e não soubera quanto lhe havia de durar a vida nem se havia de ir ao céu depois da morte, que na vida fizesse o que fez, e antes da morte se dispusesse como se dispôs, menos admiração fora; mas que tendo os anos e dias da vida sabidos, e o céu certo e seguro, que desde o princípio da vida se dedicasse a tais extremos de pobreza, de humildade, de sujeição, de perseguições, de trabalhos, e que antes da morte — com maior e mais estupendo exemplo — dispa os vestidos, lave os pés aos discípulos, ore com tanta eficácia no Horto, emudeça as injúrias, sofra os açoites e espinhos, peça perdão pelos inimigos, e encomende sua alma nas mãos do Padre com vozes e com lágrimas? Grande circunstância, e de grande valor e admiração nas obras de Cristo!

Vede agora se será também grande nas de Teresa. Que comece Teresa desde menina, juntamente com o uso da razão o uso da penitência e das virtudes, e que, sabendo quando há de morrer e que lhe restam muitos anos de vida, não afrouxe um momento, antes acrescente rigores? Que comece Teresa a fazer por sua salvação mais que fizeram os maiores santos, e que, sabendo de certo que é predestinada e que se há de salvar, se ponha a retratar suas ações na melhor e maior idade da vida pelas que Cristo obrou nas vésperas da morte? Que, tendo o céu seguro, despisse os vestidos, não do mundo, mas da religião moderada, e descalçasse os pés, e se vestisse das primitivas asperezas de Elias? Que, tendo o céu seguro, se retirasse totalmente do trato humano, e gastasse não uma, não duas e três horas, senão toda a vida em oração e união com Deus tão alta? Que, tendo o céu seguro, se disciplinasse com cadeias de ferro, e dos espinhos de que seu Esposo formou a coroa, tecesse ela cilícios? Que, tendo o céu seguro, não falasse nem respondesse uma palavra contra os que tão gravemente a infamaram e perseguiram? Que, tendo o céu seguro, não só perdoasse a seus inimigos, mas orasse eficazmente por eles a Deus e lhes alcançasse mercês? E que, tendo o céu seguro, chorasse os pecados que não tinha, como se fosse a maior pecadora?

Até aqui, Teresa, as imitações de vosso Esposo. Não sei se passe daqui, mas quero passar, pois ele quis que vós passásseis. Que tenha Teresa o céu seguro, e que quando mais a apertavam as dores terríveis de suas enfermidades, pedisse a Deus lhas dilatasse até o fim do mundo? Que tenha Teresa o céu seguro, e que viva com tanto escrupulo e delicadeza de consciência, que não cometesse nem um pecado venial com advertência? Que tenha Teresa o céu seguro, e que diga a Deus: Aut patí, aut mori: Senhor, ou padecer ou morrer — estimando mais a vida com tormentos que a mesma glória a que havia de subir morrendo? Finalmente, que tenha Teresa o céu seguro, e que se vá livremente a padecer as penas do inferno em vida, porque as não havia de padecer depois da morte? Esta circunstância é, gloriosa Teresa, a que faz singulares vossas vitórias, ainda aquelas em que outros santos se pareceram convosco. Eles obraram, e vós obrastes; mas eles, como nós, incertos da morte; vós, como Cristo, com certeza da vida. Eles, como nós, como céu duvidoso; vós, como Cristo, com o céu seguro. Eles, como nós, entre o temor da morte e do inferno; vós, como Cristo, livre e superior a todos os temores.

V

Toda a santidade e toda a virtude deste mundo, bem considerada, é temor. A maior e mais qualificada façanha que neste mundo se fez por Deus foi a de Abraão. Leva Abraão seu filho Isac ao monte, ata-o sobre a lenha do sacrifício, tira pela espada para lhe cortar a cabeça; manda-lhe Deus suspender o golpe, e diz estas palavras: Nunc cognovi quod times Deum (Gên. 22, 12): Agora conheço, Abraão, que temes a Deus. — Que temes a Deus? Pois, como assim? Quando Abraão por amor de Deus sacrifica seu próprio filho, quando Abraão por amor de Deus corta as esperanças de sua casa, quando Abraão por amor de Deus mata a seu mesmo amor, parece que então havia de dizer Deus: Agora, Abraão, conheci que me amas. Mas: agora conheci que me temes? Sim, porque, bem

considerada aquela façanha de Abraão, e vista por dentro, como Deus a via, teve mais de temor que de amor. Bem via Abraão que matar a Isac era matar-se a si mesmo, mas via também que se o não matava, desobedecia, que se desobedecia, ofendia a Deus, que se ofendia a Deus, condenava-se, e este temor de se não condenar o pai, foi o que pôs a espada na garganta ao filho. Quando o pai e o filho iam caminhando para o sacrifício, diz o texto que levava Abraão em uma mão a espada, e na outra o fogo: *Ipse vero portabat in manibus ignem et gladium* (Gên. 22,6). Oh! que bons dois espelhos para aquela ocasião! Na mão da espada ia a morte do filho; na mão do fogo ia o inferno do pai. Se obedeces, hás de matar; se desobedeces, hás de arder. O amor via-se ao espelho da espada, o temor via-se ao espelho do fogo. — É possível, pai, que hás de matar o teu filho único e amado? E que a vida e o sangue que lhe deste a hás de derramar com tuas próprias mãos? Não há de ser assim: viva Isac, e caia rendido o braço da espada. Mas, se não morrer Isac — replicava o temor — se Isac sacrificado se não abrasa neste fogo, há de ir Abraão, por desobediente, arder no do inferno. Ou arder Abraão, ou morrer Isac. Oh! que cruel dilema para um pai! Mas, passar a espada pela garganta de Isac, é um momento — instava o temor — e arder Abraão no inferno, é uma eternidade: pois, padeça um instante o filho, para que não pene eternamente o pai. Torne-se a levantar o braço da espada; e já ia descarregando resolutamente o golpe, mas acudiu Deus. E como toda esta resolução de tirar Abraão a vida a seu filho foi por temor de não ofender a Deus e se condenar, por isso Deus não disse: — Agora conheci, Abraão, que me amas, senão, agora conheci que me temes: *Nunc cognovi quod times Deum*.

Tal foi o sacrifício celebradíssimo de Abraão, e tais são ordinariamente quase todos os sacrifícios dos homens, ainda os mais celebrados. Chegadas aos olhos de Deus, as maiores finezas vêm a ser temor. Não assim os sacrifícios de Teresa. Como sabia de certo que era predestinada, como estava segura que se não havia de condenar, era santa sem temor de Deus. E que, não temendo a Deus, ou não tendo que temer em Deus, fosse tão timorata que nem um pecado venial cometesse com advertência, e que não temendo a Deus, ou não tendo que temer em Deus, fosse tão temente a Deus que lhe pedisse muitas vezes antes o inferno que ofendê-lo? Este foi o subir mais alto da perfeição, este foi o adelgaçar mais fino do amor de Teresa.

Os outros grandes amadores de Deus amam a Deus com todos seus atributos: Santa Teresa amou a Deus com um atributo menos. Revelando Deus a Santa Teresa que era predestinada e que se havia de salvar, ficou Deus para com Teresa como se não tiver a justiça, porque, suposto o decreto da predestinação, nem a justiça divina a havia de condenar, nem podia. E amar a Deus com o atributo da justiça menos, é o mais a que podia chegar a fineza e fidalguia do amor. Por todos seus atributos deve Deus ser amado. Deve ser amado por sua onipotência, porque nos criou, e por sua bondade, porque nos remiu; deve ser amado por sua sabedoria, porque nos governa, e por sua providência, porque nos sustenta; deve ser amado por sua liberalidade, porque nos há de premiar, e por sua formosura, porque o havemos de ver. E com isto ser assim, por nenhum atributo é Deus mais amado que pelo da sua justiça. Se em Deus não houver a justiça, e se na outra vida não houvera inferno, que poucos haveria que amassem a Deus? Epicuro, aquele grande sectário da gentildade, fez dois cânones notáveis na sua seita O primeiro, que a bem-aventurança consistia nas delícias desta vida; o segundo, que em Deus não havia justiça. Ambos estes cânones foram errados, e ambos são heréticos. Mas, suposto o erro do primeiro, esteve posto com grande juízo o segundo. Pôs a bem-aventurança nas delicias deste mundo, e logo negou o atributo da justiça a Deus, porque mal podia ter por glória os gostos desta vida quem tivesse por fé que podia ser por eles condenado na outra. Daqui infiro eu que há cristãos mais que epicuros. Que tenha por glória as delícias desta vida quem tem por fé que não há justiça que o condene na outra, erro é, mas erro com alguma desculpa; porém, que creia eu de fé que Deus tem justiça, e que me há de castigar e condenar na outra vida, e que, contudo, tenha por glória as delícias e os gostos desta? Vede se pode ter alguma desculpa tão grande cegueira e tão bárbara.

Ora, isto que Epicuro teve por fé, teve Teresa por privilégio. Epicuro fingiu a Deus sem atributo de justiça, e Deus, revelando a Teresa que a não havia de condenar, pôs-se para com ela no mesmo estado, como se a não tivera. Mas, que diferentes conseqüências foram as de Teresa? Epicuro, tanto que considerou a Deus sem justiça, teve por delícias e por glória ofender a Deus, e Teresa, tanto que

viu a Deus sem justiça, então teve por glória só amá-lo e querer antes mil infernos que ofendê-lo. Oh! que grande documento se pode tirar daqui para amar e para temer a Deus! Quando quisermos temer a Deus, havemos de lhe tirar um atributo, e quando o quisermos amar, havemos-lhe de tirar outro: temer a Deus como se não tivera misericórdia, amar a Deus como se não tivera justiça. Assim amava Teresa, mas não temia assim, porque não tinha que temer. Para Teresa amar mais perfeitamente a Deus, e para Deus ser mais perfeitamente amado, Deus — digamo-lo assim — despiu-se de um atributo, e Teresa de uma virtude. Deus pôs de parte o atributo da justiça, Teresa pôs de parte a virtude do temor; e como Deus esteve com menos este atributo, e Teresa com menos esta virtude, nestes dois menos consistiu a perfeição de mais amar e de ser mais amado: em Deus a perfeição de ser mais amado, porque foi amado sem ser temido; em Teresa a perfeição de mais amar, porque amou sem temer. E que tendo Teresa tão longe de si as causas de temer, se vissem nela tão em seu ponto os efeitos do temor? O cuidado, a cautela, a vigilância; tão solícita, tão ansiosa, tão diligente; sem divertir, sem afrouxar, sem adormecer, por isso disse e torno a dizer que as prudentes do Evangelho, em sua comparação foram néscias: elas, tendo tanta obrigação de vigiar, dormiram: *Dormitaverunt omnes, et dormierunt*; Teresa, tendo tanta segurança para dormir, sempre vigiou: *Vigilate, quia nescitis diem, neque horam*.

VI

A segunda coisa em que as virgens prudentes, comparadas com Santa Teresa, foram néscias, é que as prudentes em matéria de salvação quiseram só o que basta, e Santa Teresa quis mais do que sobeja. Achando as virgens néscias que se lhes apagavam as lâmpadas, chegaram-se às prudentes a pedir que lhe quisessem dar o óleo que traziam prevenido: *Date nobis de oleo vestro* (4). Responderam as prudentes que o fossem antes comprar, que podia suceder que não bastasse para umas e mais para as outras: *Ne forte non sufficiat nobis et vobis* (5). Isto responderam as prudentes, e nisto digo eu que se mostraram néscias. Néscias? Antes parece que prudentes, e prudentíssimas. Se eu dissera que se mostraram avarentas, se eu dissera que se mostraram ruins amigas, se eu dissera que se mostraram cruéis, ou, quando menos, pouco piedosas, censura é esta que outros dão às prudentes neste caso. Mas néscias, quando em matéria tão importante não querem dar o que duvidam se lhes bastaria ou não bastaria? Sim, e por isso mesmo, porque duvidaram se bastaria ou não bastaria, quando haviam de duvidar se sobejaria ou não sobejaria, porque em matéria de salvação, só o que sobeja é bastante: o que basta não basta. Bem vejo que haveis de ter esta minha proposição por paradoxal, e tomara eu muito que não fora tão verdadeira como é. Torno a dizer, cristãos, que, em matéria de salvação, só o que sobeja é bastante: o que basta não basta. Vá em todo o rigor da Teologia. É certo que ninguém se pode salvar sem auxílio de Deus; é certo que os auxílios de Deus uns são suficientes, outros eficazes; é certo que só com os auxílios suficientes, enquanto se lhes não junta a eficácia, ninguém se salvou nunca, nem se há de salvar. Argumento agora assim: os auxílios suficientes chamam-se suficientes porque bastam para um homem obrar bem, e se salvar. Pois, se são suficientes, se são bastantes, se bastam, como se não salva nem há de salvar ninguém com eles, enquanto somente tais? Por isso mesmo. Porque são somente bastantes, e em matéria de salvação o que basta não basta. Há de ser mais que bastante para bastar, porque só basta o que sobeja.

Nas obras é o mesmo que nos auxílios — que são as duas coisas da parte de Deus e da nossa, sem as quais não pode haver salvação. — E se não, respondi-me e dai-me a razão por que se perde e se condena tanto mundo, sendo tantos os que têm a verdadeira fé de Deus, e o conhecem e a professam? A razão é — e julgue-o cada um em si — porque na matéria da nossa salvação nos contentamos só com o que basta, e nesta matéria o que basta não é bastante. Para um homem se salvar basta morrer bem. E para morrer bem é necessário mais alguma coisa? É necessário viver bem. Logo, para um homem em matéria de salvação ter o que basta, é-lhe necessário muito mais do que basta, porque para se salvar é-lhe necessário morrer bem, que é muito, e para morrer bem é-lhe necessário viver bem, que é muito mais. Mas porque nós queremos o morrer bem sem o viver bem, porque queremos o que basta sem o que o faz bastar, por isso nos perdemos e nos condenamos. Desejamos os cristãos salvar-nos assim, nem mais nem menos como o desejava o profeta Balaão: *Moriatur anima mea morte justorum* (Núm. 23, 10): Oh! morra a minha alma — dizia Balaão — como morrem as dos justos. —

Cala, néscio, diz Santo Agostinho. Não hás de dizer: Morra a minha alma como a dos justos, senão: Viva a minha alma como as dos justos, porque a regra da morte é a vida. Quem vive bem, morre bem; quem vive mal, morre mal. E viver mal, como tu vives, e depois morrer bem, como tu queres, é impossível. Donde se segue que o morrer bem, que é o que basta para a salvação, não basta: basta, porque quem morre bem salva-se; não basta, porque para morrer bem é necessário viver bem. Tudo temos na parábola do Evangelho.

Perderam-se as cinco virgens néscias, e ficaram fora das bodas porque lhes faltou o óleo. E por que lhes faltou? Porque o óleo que bastava não bastou. Ora, vede se está bem argüido. Quando à meia-noite se deu rebate às virgens que vinha o Esposo, acordaram todas e acharam as néscias que as suas lâmpadas se iam apagando: Quia lampades nostre extinguuntur (6); e iam-se apagando as lâmpadas porque estiveram ardendo até a meia-noite, enquanto elas dormiram. Pois, vinde cá, mulheres: assim vós, que de néscias tendes o nome, como vós que o tendes de prudentes, por que deixastes gastar o vosso óleo de balde tantas horas? Enquanto não vinha o Esposo, bastava que estivesse acesa uma lâmpada, donde depois se acendessem as demais. Assim como nos olhos de uma sentinela vigia todo o exército, assim na brasa de um morrão estão acesas todas as armas. Isto mesmo me parece a mim que deviam fazer as virgens enquanto esperavam pelo Esposo, principalmente tendo elas sentinela ao largo, ou trazendo ele corredores diante, que foram os que bradaram: Clamor factus est: Ecce sponsus venit (7). Podiam ter uma lâmpada acesa e as nove apagadas, com que se poupava muito óleo. E quando o não fizessem as cinco, que o tinham de sobejo nas redomas, deviam-no fazer as outras cinco, que não tinham essa prevenção, porque depois ninguém lhes podia negar o fogo para acender as lâmpadas apagadas, assim como lhes negaram o óleo para prover as vazias. Pois, se por esta via se poupava o óleo e se escusavam todas as outras prevenções, por que o não fizeram assim nem as néscias nem as prudentes, antes tiveram as lâmpadas acesas toda a noite? Sabeis por quê? Porque o lume daquelas lâmpadas, como dizem todos os doutores, é a graça de Deus, e o óleo são as obras nossas, com que nos havemos de salvar, e as lâmpadas de nossa salvação, se não estão acesas antes de vir o Esposo, quando vem o Esposo não se podem acender. As lâmpadas do fogo material podem-se acender umas com o fogo das outras, e podem-se acender naquele ponto, estando apagadas até então; porém, as lâmpadas da graça e da salvação não ardem com o fogo alheio, senão com o próprio, e se não estão e perseveram acesas de antes, não se podem acender depois. Cuidar alguém que há de ter a lâmpada apagada toda a noite, e que a há de acender quando vier o Esposo, cuidar alguém que há de estar em pecado toda a vida, e que se há de pôr em graça na hora da morte, é engano do demônio, e injúria que se faz à justiça e à misericórdia de Deus. É verdade que para um homem se salvar basta que Deus o ache em graça na hora da morte; mas para estar em graça na hora da morte não basta buscá-la naquela hora; é necessário tê-la na vida. De maneira que para a salvação basta a graça da morte e sobeja a graça da vida: mas para a graça da morte, que basta, é necessário a da vida, que sobeja. O óleo que tinham as virgens, segundo a conta que nós lhes fazíamos e a que elas deviam de fazer, bem bastava; mas, porque somente bastava, não bastou. Era necessário que sobejasse para bastar, porque só no que sobeja se segura o que basta.

Desafiava o gigante Golias, e afrontava arrogante os esquadrões de Israel, e, querendo Davi sair ao desafio, vai-se ao rio, toma cinco pedras, deita quatro no surrão, mete uma na funda, faz tiro, e derruba o gigante. Pois, Davi, tirador famoso, se para derrubar o gigante basta uma pedra, para que levais cinco? Porque quis Davi segurar o tiro, e o que sobeja é o que segura o que basta. A pedra que se tirou, derrubou o gigante; as que ficavam no surrão seguraram o tiro. Quem tem muitas balas segura o ponto, porque tira com confiança; quem não tem mais que uma bala, e nela leva ou a morte do inimigo ou a sua, treme-lhe o braço, porque tira com receio. Por isso Davi levou cinco pedras, para que o tiro, com quatro fiadores, fosse seguro. Donde eu infiro que mais se deve a vitória às quatro do surrão que à da funda, porque o sucesso não esteve no tiro, senão no acerto, e a da funda executou o golpe, as do surrão, seguraram o braço. Uma pedra bastou, quatro sobejaram, e as quatro que sobejaram fizeram que bastasse uma. Assim que a pedra da funda, se bem se considera, era bastante e não era bastante: era bastante porque bastou, e não era bastante porque pudera não bastar. E como nas matérias de duvidosa execução não basta o que só basta, e só basta o que sobeja, por isso digo que as prudentes, na resposta que deram às néscias, foram também néscias, porque puseram a dúvida no

bastar ou não bastar do óleo, quando a deveram pôr no sobejar ou não sobejar. Comparadas as prudentes com as néscias, foram prudentes porque as néscias não tiveram cuidado de que sobejasse o óleo, nem ainda de que bastasse; mas, comparadas com Santa Teresa, por mais que se chamem prudentes, foram néscias, porque elas, em matéria de salvação, contentaram-se com o que basta, e Teresa não se contentou nem com o que basta, nem com o que sobeja. Dai-me atenção.

VII

Para um homem se salvar basta não fazer pecado mortal, e se também não fizer pecado venial, sobeja; e Santa Teresa não se contentou com não cometer pecado mortal, que é o que basta, nem se contentou com não cometer pecado venial advertidamente, que é o que sobeja, senão que fez voto a Deus de em todas as suas ações buscar sempre o que fosse maior perfeição. Valentia de espírito e de resolução prodigiosa, e que de nenhum outro santo se lê semelhante. Mais. Para uma alma se salvar basta obedecer a Deus, e se se conformar em tudo com sua vontade, sobeja; e Teresa não só se contentou com obedecer, que é o que basta, nem só com se conformar, que é o que sobeja, senão que passou de conformidade a transformação, e se transformou de tal modo na vontade divina, que ela e Cristo viviam e amavam com um só coração. E em sinal disto lhe abriu um serafim o lado esquerdo com uma seta de fogo, e lhe tirou nas farpas dela o cadáver do coração que tivera, e lhe ficara no peito sepultado. Mais. Para uma alma se salvar, basta tratar da salvação própria, e se tratar também da salvação e reformação das almas alheias, dentro dos limites de seu estado, sobeja; e Teresa não só se contentou com tratar da salvação própria tão exatamente, que é o que basta, nem com tratar da reformação e perfeição das almas alheias dentro de seu estado, que é o que sobeja, mas, excedendo os limites de mulher, passou a ser doutora da Igreja, e a escrever livros de perfeição, e a ensinar e alumiar o mundo em pontos de espírito e de contemplação altíssimos, a que nenhuma pena antes da sua tinha chegado. Mais. Para se salvar uma alma, basta sofrer os trabalhos com paciência, e se chegar a tanta perfeição que os sofra com alegria, sobeja; e Santa Teresa, sendo tantas as perseguições e trabalho de sua vida, não só os sofria com paciência, que é o que basta, nem só com alegria, que é o que sobeja, senão que chegou a os receber e aceitar por prêmio dos serviços que fazia a Deus. E assim, dizia de si: Nunca hize a Dios algum servicio, que no me lo pagasse con algun trabajo. Mais. Para uma alma se salvar basta amar aos inimigos, e se chegar a lhes fazer boas obras, sobeja; e Santa Teresa, tendo tantos inimigos e perseguidores, e ainda aqueles que por hábito e profissão o não deveram ser, não só os amava, que é o que basta, nem só lhes fazia bem, que é o que sobeja, senão que tomava sobre si os seus males, e se oferecia a fazer a penitência dos mesmos agravos que lhe faziam, sendo ela a que recebia a injúria e a que a pagava mais. Para uma alma se salvar; basta guardar a continência e se guardar; e se votar virgindade perpétua, não só basta, mas sobeja; e Santa Teresa, não só se contentou com ser continente, que é o que basta, nem só com ser virgem, que é o que sobeja, mas, competindo em certo modo com a Mãe de Deus, passou a ser virgem e mãe juntamente. Digam-no tantos conventos de anjos humanos, uns com nome de mulheres, outros com nome de homens, que todos reconhecem a Santa Teresa por mãe. E para que esta eternidade de Teresa se parecesse em tudo com a da Virgem Maria, assim como Cristo teve duas gerações, uma eterna, em que nasceu de Pai sem mãe, e outra temporal, em que nasceu de Mãe sem pai, assim a regra e religião carmelitana regenerada teve duas gerações e dois nascimentos, um antiqüíssimo, de pai sem mãe, quando nasceu de Elias, e outro moderno, de mãe sem pai, quando nasceu de Teresa. Finalmente, para uma alma se salvar basta guardar os mandamentos de Deus, e se guardar também os conselhos de Cristo, não só basta, mas sobeja; e Santa Teresa não só guardou os mandamentos de Deus, que é o que basta, nem só os conselhos, que é o que sobeja, mas fez muitas coisas que não caem debaixo de preceito nem de conselho. Chorar os pecados alheios e fazer penitência por eles, antepor o padecer por Deus ao ver a Deus, jejuar sete meses no ano, e passar muitas vezes muitos dias sem comer totalmente, querer estar no inferno até o dia do juízo, só pela salvação de uma alma, isto não há preceito que o mande, nem conselho particular que o persuada, e isto fez Teresa. Assim se não contentava aquele eminentíssimo espírito, aquele imenso coração, aquela alma superior a tudo e maior que tudo, assim senão contentava com o que basta, assim se não contentava com o que sobeja, assim anelava sempre a mais e mais. Mas baste ao nosso discurso quanto tem corrido em seguimento deste glorioso não bastar, e descansemos um pouco na ponderação ou na vista dele.

Ungiu a Madalena os pés e a cabeça de Cristo, e disse o Senhor que aqueles unguentos que admitia, eram a unção antecipada de seu corpo para quando o levassem à sepultura: *Mittens haec unguentum hoc in corpus meum, ad sepeliendum me fecit* (8). Morre Cristo na cruz, e diz o texto que veio José e Nicodemos, e que ungiram o sagrado corpo com cem libras de unguentos. E a esta segunda unção estava presente a Madalena, que fizera a primeira, e São João, que ouvira as palavras de Cristo e as refere (Jo. 12,7 s). Pois se o corpo de Cristo já estava ungido pela Madalena, e ungido para a sepultura: *ad sepeliendum me* — por que o tornam a ungir agora José e Nicodemos? Dir-me-eis que ungiram ao Senhor sobre estar ungido, porque nas obras do serviço de Deus não nos havemos de contentar com o que basta, senão com o que sobeja. Aceito a resposta. Mas ainda tem outra maior instância. Ungido Cristo, levam-no à sepultura, passa o sábado, em que não era lícito comprar nem vender, amanhece o domingo, e ainda não era bem descoberta a manhã, quando partem as Marias a comprar unguentos, e vêm com eles para ungirem outra vez ao Senhor: *Emerunt aromata, ut venientes ungerent Jesus* (Mc. 16,1). Há tal teimar a ungir como este? Não está o corpo de Cristo ungido pela Madalena, não está ungido por José e por Nicodemos? Pois, se já está ungido uma vez e outra vez, por que vêm as Marias a ungi-lo ainda? Porque o amor acredita-se no supérfluo: quem ama pouco contenta-se com o que basta, quem ama muito contenta-se com o que sobeja, e quem ama mais que muito, nem com o que basta, nem com o que sobeja se contenta: ainda sobe mais acima, ainda passa mais adiante. Os unguentos da Madalena bastavam, os unguentos de José e Nicodemos sobejavam, os unguentos das Marias ficaram superiores a todos, porque foram sobre os que bastavam e sobre os que sobejavam. Isto fizeram aquelas santas mulheres, criadas na escola e na familiaridade de Cristo, e isto fez a nossa Santa Teresa, criada na mesma escola e na mesma familiaridade. Por esta ação mereceram as Marias ver os anjos e ver a Cristo ressuscitado primeiro que os apóstolos. E ao merecimento destas ações se devem atribuir as grandes e extraordinárias visões com que Deus favoreceu e honrou a Santa Teresa, quase sobre todos os santos. As visões das Marias meteram medo aos apóstolos e discípulos, que era o pequeno rebanho de que então contava a Igreja: *Mulieres ex nostris terruerunt nos* (9). E as visões de Santa Teresa puseram em medo e cuidado a mesma Igreja de Deus na sua maior grandeza, que por isso foram tão examinadas e tão duvidadas, até que se aprovaram de todo. Mas as Marias viram uma só vez os anjos; Santa Teresa viu anjos muitas vezes. As Marias viram só duas vezes a Cristo, uma no dia da Ressurreição, outra no dia da Ascensão; Santa Teresa via a Cristo em diferentes figuras, já de glorioso, já de passível, quase todos os dias. Das Marias não sabemos que tivessem visões da divindade, e de Santa Teresa lemos em sua vida que viu como as criaturas estão eminentemente em Deus; que viu como se distinguem as três pessoas divinas, sendo uma só essência; que viu como está o Filho no peito do Padre, e outros segredos da divindade altíssimos que cá se crêem e não se entendem, e só se hão de ver e entender na Pátria. De sorte que, parece, andava Deus em amorosa emulação e liberal competência com Teresa: ela em servir e amar, e Deus em pagar e se comunicar; ela não se contentando com o que basta, nem se satisfazendo com o que sobeja, e Deus excedendo sem nenhum limite o supérfluo naquilo que de nenhum modo é necessário. Visões, revelações, êxtases, raptos, não são necessários nem para a salvação nem para a perfeição. E nestas amorosas e divinas superfluidades pagava Deus a Teresa o não se contentar seu espírito com o necessário, nem ainda com o supérfluo, o não se contentar com o que basta, nem ainda com o que sobeja.

Assim pagava Deus a Teresa, mas eu não me pago tanto de ver como Deus paga, quanto de ver como os santos servem. E o que muito noto naquelas grandes ações do espírito de Santa Teresa, é que, bem consideradas elas, o seu servir a Deus foi pagar a Deus. Notai. Para Deus remir suficientemente o mundo, bastava querer; para o remir por modo mas alto, bastava encarnar; mas andou Deus tão fino conosco na Redenção, que não se contentou de remir só com o querer, que bastava, nem de remir só com o encarnar, que sobejava, senão passou excessivamente muito avante, e quis remir morrendo e padecendo. Esta fineza fez Deus pelos homens, e esta lhe estivemos devendo, até que Teresa nos desempenhou e pagou por nós. Deus com a redenção pagou nossos pecados, e Teresa com os seus extremos pagou a nossa redenção. Porque só Deus no remir os homens se não contentou com o que bastava nem com o que sobejava; Teresa no servir a Deus não se contenta com o que basta nem como que sobeja. Oh! como se parecem nos passos a esposa e o esposo! Ainda que Teresa fora das virgens

que hoje foram comprar o óleo, eu fio que se encontrara com ele. Diz o texto: Dum autem irent emere, venit sponsus(10): Que indo as virgens, veio o Esposo. Pois, se elas iam e o Esposo vinha, por que se não encontraram? Porque iam por diferente caminho. Não assim a nossa Teresa: caminha tanto pelo mesmo caminho e pelos mesmos passos do Esposo, que porque ele se não contentou com o que bastava nem com o que sobejava em nos amar, também ela se não contenta com o que basta nem com o que sobeja em o servir. Vede agora, em comparação deste saber, se foram néscias as virgens prudentes: ela não se contenta nem ainda com o que sobeja, e elas punham em dúvida só se bastaria: Ne forte non sufficiat nobis et vobis (11).

VIII

A terceira coisa em que as virgens prudentes comparadas com Santa Teresa foram néscias é que as prudentes cuidaram que, arriscando-se por socorrer as companheiras, corriam perigo, e Santa Teresa entendeu que tudo o que se arrisca pela caridade, quando mais se arrisca, então está mais seguro. Bem quiseram as virgens prudentes socorrer e suprir a falta das companheiras, quando não por companheiras e por amigas, ao menos por autoridade e majestade da festa, e pelo que a elas mesmas lhes tocava, porque, sem as outras cinco, diminuía-se muito as luzes, descompunham-se as parselhas, e ficava desairoso o acompanhamento. Contudo, por se não arriscarem a ficar fora das bodas, quiseram antes entrar sós que porem-se a perigo de não entrar: Ne forte non sufficiat. Aquele ne forte foi o ponto em que tocou o fraco a sua prudência. Imaginaram que arriscando-se pela caridade podiam correr perigo, e foi errado pensamento, porque ninguém melhor se assegura a si e as suas coisas, que quem pela caridade as arrisca e se arrisca. Ouvi o maior caso que se lê em todas as histórias sagradas e humanas.

Sitiada pelo exército de Holofernes a cidade de Betúlia, tomados e quebrados os canais, e divertidas as fontes de que bebiam, estavam já desmaiados todos e determinados a se entregar ao inimigo, por não perecer a sede, quando Judite, não podendo sofrer a entrega e cativo da sua pátria, se deliberou ao mais raro pensamento que pudera caber em um homem atrevido e denodado, quando mais em uma mulher, e santa. Despe o cilício de que estava toda coberta, enxuga os olhos das lágrimas com que orava ao céu, mandava vir cheiros, jóias, galas, espelhos; veste, compõe, enriquece, esmalta os cabelos, a garganta, o peito, as mãos, os braços e até os pés, não de todo cobertos — que assim o nota a Escritura — e feita Judite um tesouro da cobiça, um pasmo da formosura, e mil laços do apetite, sai confiada pelas portas da cidade, salta o fosso, passa as sentinelas, entra pelo exército inimigo, e vai direita à mesma tenda de Holofernes. Bravas ações de mulher, mas mais bravos ainda os pensamentos! Os seus intentos eram — como refere a mesma Judite no texto — que Holofernes com seus próprios olhos se cativasse de sua formosura, e que ela com palavras discretas e amorosas o prendesse mais, para que, assim preso e cativo, lhe metesse a ocasião os cabelos do tirano em uma mão e a espada na outra, com que lhe cortasse a vida. Valentes intentos Judite, mas arriscados muito. Reparai, senhora, como mulher, reparar como nobre, e reparar também, e muito mais, como santa. Se como mulher mais que mulher não reparais nos riscos da vida entre esquadrões armados de bárbaros, como nobre por que não reparais na opinião, e como santa por que não reparais na honestidade? Os mesmos laços que armais a Holofernes, como podeis vós escapar deles? As prisões, quando prendem, também se prendem. Antes parece que Judite primeiro se prendeu a si do que a Holofernes, e que, antes de Holofernes cair, já Judite estava caída porque a obrigação e pureza da lei de Deus não só proíbe o pecado, senão o perigo, e quem se deliberou a perigar já caiu, porque se expôs a cair. Qui amat periculum in illo peribit (12), diz a mesma lei divina. Pois, se Judite era tão santa e tão observante da lei de Deus, como pôe a tão manifesto risco a sua honestidade, e com ela a consciência? Que arrisque a vida, seja valor, que arrisque também o crédito, seja excesso de amor da pátria, mas a honestidade e a consciência, que por nenhum preço se há de arriscar, nem pela vida, nem pela honra, nem pela liberdade, nem por uma cidade, nem por um reino, nem por todo o mundo, que a arriscasse Judite, e que a arriscasse sendo santa? Sim e não. Sim, porque tudo isso arriscou Judite pela caridade; e não, porque tudo o que se arrisca pela caridade então se segura mais. Arriscou a vida, arriscou a opinião, arriscou a honestidade, mas segurou a honestidade, segurou a opinião e segurou a vida, porque tudo arriscou pela caridade e por livrar sua pátria de cativo. E como Judite sabia que Deus é

o assegurador dos riscos que se empreendem por seu amor e dos próximos, por isso, fiada no seguro de Deus, não incorreu no crime dos que se põem a perigo, porque quem arrisca com seguro não corre risco. Nem o texto da lei divina, se bem se pondera, quer dizer outra coisa. Notai: Qui amat periculum, in illo peribit: quem ama o perigo perecerá nele. — Uma coisa é entrar no perigo amando o perigo, outra coisa é entrar no perigo amando a Deus: quem entra no perigo por amor do perigo perece nele, porque o mesmo perigo, a quem ama e por quem se arrisca, o perde; mas quem entra no perigo por amor de Deus, não perece nem pode perecer, porque o mesmo Deus, a quem ama e por quem se arrisca, o guarda. Se vós entraís no perigo por amor da cobiça, quem vos há de guardar? A cobiça? Se vós entraís no perigo por amor da soberba, quem vos há de guardar? A soberba? Se vós entraís no perigo por amor do amor, quem vos há de guardar? O amor profano e cego? Entrai vós nos perigos por amor de Deus e do próximo, e vereis como Deus vos livra e vos segura neles.

Ah! Senhor, bendita seja e infinitamente bendita vossa bondade! Falta-nos neste passo o exemplo do Evangelho, porque faltaram as virgens prudentes no conhecimento desta verdade e no exercício desta confiança. Mas a prova que não temos no Evangelho, temo-la no pregador. Mui ingrato seria eu, e serei a Deus, se assim o não confessara e assim o não confessar toda a vida e toda a eternidade. A quem aconteceu jamais depois de virado o navio e depois de estarem todos fora dele sobre o costado, ficar assim parado e imóvel por espaço de um quarto de hora, sem a fúria dos ventos descompor, sem o ímpeto das ondas o soçobrar, sem o peso da carga e da água, de que estava até o meio alagado, o levar a pique, e depois dar outra volta para a parte contrária, e pôr-se outra vez direito, e admitir dentro em si os que se tinham tirado fora? Testemunhas são os anjos do céu, cujo auxílio invoquei naquela hora, e não o de todos, senão daqueles somente que têm à sua conta as almas da gentildade do Maranhão. — Anjos da guarda das almas do Maranhão, lembrai-vos que vai este navio buscar o remédio e salvação delas. Fazei agora o que podeis e deveis, não a nós, que o não merecemos, mas àquelas tão desamparadas almas que tendes a vosso cargo. Olhai que aqui se perdem também conosco. — Assim o disse a vozes altas, que ouviram todos os presentes, e supriu o merecimento da causa a indignidade do orador. Obraram os anjos, porque ouviu Deus a oração. E não podia Deus deixar de a ouvir, porque orava nela o mesmo perigo. Sabe o mesmo Senhor que por nenhum interesse do mundo, depois de eu o ter tão conhecido e tão deixado, me tornara a meter no mar, senão pela salvação daqueles pobres tesouros, cada um dos quais vale mais que infinitos mundos. E como o perigo era tomado por amor de Deus e dos próximos, como podia faltar a segurança no mesmo perigo? O mesmo perigo nos livrou, ou se livrou a si mesmo. Os perigos da caridade são riscos seguros, e nos riscos seguros não pode haver perigo. — Assim que, Senhor, mudo o estilo, e não vos dou já as graças por me livrardes do perigo, senão me meterdes nele. Quando por tal causa me metestes no perigo, então me livrastes. Grandes são os perigos que ainda me restam e me ameaçam neste tão temeroso golfo, e mais em inferno tão verde e em ano tão tormentoso! Mas, como há de temer os perigos quem neles leva a mesma salvação que vai buscar por meio deles?

Quem cuidais que tirou do perigo a Jonas e quem cuidais que o meteu no perigo? O não querer ir buscar a salvação dos próximos o meteu no perigo, e o meter-se no perigo pela salvação dos próximos o tirou dele. Mandou Deus a Jonas que fosse pregar aos gentios de Nínive; não quis Jonas, e para fugir da missão, e ainda do mesmo Deus que lha encomendava, embarca-se de Jope para Társis. E que lhe sucedeu a Jonas nesta viagem ou nesta fugida? O que lhe sucedeu foi que, indo todos os navios com vento a popa e mar bonança, só contra o de Jonas se levantou uma tempestade tão terrível, que não bastando amainar velas e calar mastos, não bastando alijar ao mar a carga, não bastando tudo o mais que sabe e pode a arte em semelhantes trabalhos, deixado já o leme e o navio à mercê dos mares e dos ventos, e, desconfiados até do socorro do céu, o piloto e marinheiros, que eram gentios, desceram ao porão onde vinha Jonas a pedir-lhe que fizesse oração ao seu Deus, pois os seus deuses não lhes valiam. Tal era a tempestade, tal o perigo, tal a desesperação de todos. E bem, profeta Jonas, e vós não quereis ir pregar e salvar as almas dos gentios a que Deus vos manda, pois, quando cuidáveis que fugíeis do trabalho, incorreríeis no maior perigo, e pereceríeis onde vós quisestes, porque não quisestes salvar os próximos onde Deus queria. De maneira que o não querer ir buscar a salvação dos próximos foi o que meteu no perigo a Jonas. E que fez Jonas para sair daquele perigo? Notável caso! Para Jonas sair daquele perigo, mete-se noutra perigo maior pela salvação dos próximos. E este

segundo perigo o salvou e livrou do primeiro. Ora vede.

Subido Jonas ao convés do navio, reconheceu que ele era a causa da tempestade, e para que os demais se salvassem e ele só percesse, pediu que o lançassem ao mar. De sorte que aquele mesmo Jonas, que pouco há se embarcou neste navio por não ir salvar os gentios de Nínive, esse mesmo pede agora que o lancem do navio ao mar para que se salvem os gentios do navio. Fazem-no assim por último remédio os marinheiros, vai Jonas ao mar, traga-o uma baleia, mergulha para o fundo o monstro, somem-se e desaparecem ambos. Pode haver maior perigo? Pode-se imaginar maior? Não pode. No mar podia-o salvar ou entreter uma tábua; no ventre da baleia a morte e a sepultura tudo foi junto. Mas Jonas não se arrojou a este perigo por salvar os mareantes do seu navio, próximos, ainda que gentios? Sim. Pois, tende mão, que ainda não desconfio de sua vida. Perigo tomado pela salvação dos próximos, não pode ser perigo em que se perigue. Arrojado do navio, e naufragante, sim; tragado e

engolido do monstro-marinho, sim; metido no profundo do mar e sepultado nos mais escuros abismos, sim; mas afogado, mas morto, mas digerido ou mastigado da baleia quem se lançou ao mar pela salvação dos próximos, não pode ser. Torno a dizer que não pode ser; e já o vejo. Olhai para as praias de Nínive. Passados três dias e três noites, aparece ao romper da alva diante do porto de Nínive uma galé de forma nunca vista à vela e só com dois remos. A vela era a nuvem de água que respirava a baleia, e umas vezes parece que subia, outras que se animava; os remos eram as duas grandes barbatanas com que, batendo a compasso, ia vogando. Abica à praia o desconhecido baixel, levanta aberto pelo meio o castelo de proa, que então se conheceu que era boca, estende a língua como prancha sobre a areia, e sai de dentro vivo e sepultado Jonas. Pasmais do caso? Não pasmeis. Não vos dizia eu que não podia perigar quem por salvação dos próximos se entregou ao mar e aos perigos? Pois, assim lhe aconteceu ao felicíssimo Jonas. Levado de um perigo em outro perigo, uns o livraram dos outros. No navio perigava dos ventos, no mar perigava das ondas, na baleia perigava do aperto da respiração e de tudo, mas como o primeiro perigo foi tomado por caridade, todos os outros perigos eram remédios. O perigo do mar livrou-o do perigo do navio, o perigo da baleia livrou-o do perigo do mar, e este perigo, como era o último e o maior de todos, livrou-o de si mesmo. Há mais seguro perigar? Há menos perigosa segurança? Com razão disse São Zeno Veronense que foi Jonas mais venturoso no sepulcro que no navio: *Felix magis in sepulchro quam navi* porque, uma vez que a baleia lhe guardou a vida, muito mais seguro navegava nela que no navio: o navio podia perigar nos mares e nos ventos, a baleia era embarcação segura das tempestades.

Maior tempestade padeceram as virgens no óleo das suas redomas do que Jonas em tanto mar. Todas naufragaram, porque todas deram em seco: as néscias no das suas lâmpadas, e as prudentes no da sua avareza. Forte ne forte foi aquele! Perderam-se cinco, quando se puderam salvar todas, porque não tiveram caridade as outras cinco para se arriscarem com elas. Tanto perigaram as néscias no seu perigo, como na demasiada segurança das prudentes. Se as prudentes se quiseram arriscar por elas socorrendo-as, nesse mesmo risco se salvariam umas e outras: as néscias, pelo socorro que recebiam, e as prudentes, pelo socorro que davam, ou, para o dizer com mais certeza, as néscias pelo risco de que se tiravam, e as prudentes pelo risco em que se metiam, que quem se arrisca pela caridade não pode correr risco. Nenhuma comunidade esteve jamais tão arriscada como o povo de Israel, quando Deus o quis acabar no deserto; e o que fez Moisés para o livrar daquele risco foi arriscar-se também com ele: *Aut dimitte eis hancnoxam, aut dele me de libro tuo* (Êx. 32,31 s): Senhor, ou haveis de perdoar ao povo, ou riscai-me do vosso livro. — É certo que Moisés não podia lícitamente querer ser riscado dos livros de Deus, e foi este o mais arriscado lança em que se meteu nenhum homem. Contudo, pediu este risco, e meteu-se nestes riscos Moisés, seguro de que Deus o não riscaria por ele se arriscar, quando o fazia pela caridade dos próximos, porque os riscos da caridade nem riscam nem arriscam. Tão longe esteve Moisés de ser riscado dos livros de Deus por esta causa, que antes mandou Deus que se escrevesse em seus livros que chegara Moisés por caridade a pedir que o riscassem deles. Se Moisés se não arriscara, salvara-se ele e perecera o povo; mas porque se quis arriscar pelo povo, ele e o povo, todos se salvaram. O mesmo havia de suceder às nossas prudentes se elas o souberam ser e se souberam arriscar; mas, porque lhes faltou esta ciência e esta prudência, em que Santa Teresa foi tão eminente, por isso eu em comparação dela digo que foram néscias. Em comparação das

néscias do Evangelho foram prudentes as prudentes, porque as néscias cuidaram que havia outrem de fazer por elas o que elas não fizeram por amor de si, e as prudentes não quiseram fazer por amor de outrem o que outrem não havia de fazer por elas. Mas estas mesmas prudentes, comparadas com Santa Teresa, foram néscias, porque elas cuidaram que, arriscando-se por amor de Deus e dos próximos, corriam perigo, e Santa Teresa entendia e sabia por experiência que tudo o que se arrisca pela caridade, quando mais se arrisca, então se segura mais.

Tudo quanto teve e quanto podia ter arriscou Teresa por amor de Deus e dos próximos. E estes mesmos riscos foram uma prudente indústria com que tudo acrescentou e seguiu mais. Arriscou a vida, arriscou a honra, arriscou a mesma perfeição de sua alma, e do primeiro perigo saiu com mais saúde, do segundo com mais crédito, do terceiro com maior santidade. Era Santa Teresa tão enferma, como lemos em sua vida, e o que mais sentia nesta fraqueza natural era o impedimento que as enfermidades lhe faziam aos exercícios da oração e da penitência. Veio, finalmente, a resolver-se consigo e contra si, a orar com toda a continuação, e a tratar seu corpo com todo rigor, ainda que perdesse totalmente a vida. E que tirou a santa desta resolução? Coisa maravilhosa! A saúde que lhe não puderam dar nenhuns remédios lhe deram os mesmos riscos em que a punha. Com a penitência, com que mais havia de enfermar, lhe crescia a saúde, e com o trabalho, com que mais havia de enfraquecer, se lhe aumentavam as forças.

As perseguições a que Santa Teresa se expôs quando empreendeu reduzir a regra carmelitana moderada ao antigo rigor e inteireza de seu primeiro instituto foram maiores do que se podem imaginar e do que parece se podiam sofrer. Armou-se contra ela a religião, e armou-se o mundo, e, o que mais é, que os bons do mundo e os melhores da religião — posto que com bom zelo — eram os que mais a perseguiam. Raros eram os que defendiam seu espírito, todos o tinham por ilusão e enredo do demônio, muitos por fingimento e hipocrisia, e não faltava quem lhe desse ainda mais escandalosas censuras. Tuda ocasionavam os tempos, que com as novas heresias de Lutero andavam mui perigosos e cheios de temores. Mas, como a santa se arriscava a todos estes descréditos pela salvação e perfeição dos próximos, em que veio a parar tudo? Os descréditos pararam em maior estimação, as injúrias em maior honra, as perseguições em maiores aplausos, e os mesmos religiosos que tinham a Teresa por indigna filha, a receberam depois por digníssima mãe, e como de tal se honram e a veneram.

Finalmente, houve muitas pessoas timoratas e doudas que aconselhavam a Santa Teresa que se retirasse do magistério espiritual das almas, e que na vida particular e solitária, a que a mesma doçura da contemplação a inclinava, vacando somente a Deus e a si, seria maior o aproveitamento de seu espírito. Foi esta a maior prova, por lhe não chamar a mais apertada tentação, que podia ter a alma de Teresa, cujos mais prezados interesses, cujas mais amadas delícias, cujos regalos, cujas ânsias, cujos suspiros, era aquela íntima união com Deus, quieta e suavíssima, em que, elevada sobre todas as coisas da terra, tão celestialmente o gozava. Continuou, contudo, a santa prosseguindo na mesma empresa começada, sem reparar nestes riscos de sua maior perfeição, e noutros ainda maiores que lhe ameaçavam; e, como todos eram tomados pela caridade, quanto mais parece que arriscava os dons do céu, tanto mais se achava rica e favorecida deles. Era muito o que arriscava, mas muito mais o que recebia. Mercês sobre mercês, favores sobre favores, glórias sobre glórias, como se os mesmos riscos fossem degraus para mais subir e crescer. Em suma, que arriscando Teresa por amor de Deus e dos próximos saúde, honra e perfeição, dos perigos da saúde saia mais forte, dos perigos da honra mais acreditada, dos perigos da perfeição mais santa Oh! quantos e quão seguros louvores se puderam agora discorrer sobre todos estes perigos, e muito mais sobre o terceiro. Parece que pugnava nele o espírito contra o espírito, a virtude contra a virtude, a santidade contra a santidade, mas necessária era tão gloriosa peleja para tão excelente vitória. Corto o fio, e não sem dor, ao que quisera dizer. Peço-vos, contudo, licença, para concluir o sermão na forma em que o propus ao princípio: suposto que vos não hei de cansar outra vez, perdoai-me esta.

IX

A quarta e última coisa em que as virgens prudentes, comparadas com Santa Teresa, foram néscias, é que as prudentes, podendo rogar ao Esposo que esperasse pelas companheiras, ou, quando menos que lhes não fechasse as portas, não intercederam por elas, e Santa Teresa intercede sempre eficazmente por seus devotos e por todos os que lhes pedem favor e a ela se encomendam. Esta foi a quarta e última imprudência das prudentes, nas quais, se bem reparastes, achareis que as notamos de imprudentes nas obras, imprudentes nas palavras, imprudentes nos pensamentos e imprudentes nas omissões, que são os quatro modos gerais por que só se pode pecar contra uma virtude. No primeiro, foram imprudentes de obra, porque dormiram quando haviam de vigiar; no segundo, foram imprudentes de palavra, porque disseram não baste, quando haviam de dizer não sobeje; no terceiro, foram imprudentes de pensamento, porque cuidaram que, arriscando-se pela caridade, podiam correr perigo; no quarto foram imprudentes de omissão, porque ao menos não pediram por quem lhes pedia. Elas não pediram nem intercederam por quem lhes pediu, e Santa Teresa, como dizia, pede e intercede eficazmente por todos os que lhe pedem e se valem de seu favor. Mas este ponto não o hei de provar eu, porque na mesma instituição desta festa está provado.

Bem pudera a Companhia de Jesus festejar em todas as suas casas a santa Madre Teresa de Jesus, como santa muito sua, porque a mesma santa em muitos lugares de seus livros confessa que dos religiosos da Companhia de Jesus recebeu grandes aumentos e grandes luzes o seu espírito, por sinal que ordinariamente lhes chama: Aquellos benditos Padres. Contudo, a festa de hoje não se celebra por esta causa, senão pela que eu dizia. Estava um enfermo — como todos sabeis e vistes — na última desesperação da natureza e na última de confiança da arte, enfim, no último estado em que estavam as lâmpadas das cinco virgens: Quia lampades nostrae extinguuntur (13); não lhe restava mais que meterem-lhe na mão a candeia da fé, tanto por momentos se lhe ia apagando a vida. Assim, menos vivo que morto, recorreu a Santa Teresa, invocando seu favor naquele extremo perigo, e obrigando-se com voto ao público reconhecimento dele por toda a vida, se de sua mão a recebesse. Não foi a virgem prudentíssima como as prudentes que negaram o óleo a quem lho pedia, porque logo o concedeu invisivelmente, mas com efeito visível e manifesto. No mesmo ponto reviveu a lâmpada que se ia apagando, e ressuscitou a vida já quase morta. E este é o segundo ano em que com esta demonstração pública se dá cumprimento ao voto. Óleo chamei à virtude milagrosa deste benefício, e não é só propriedade da metáfora, senão realidade vista e conhecida.

Do sepulcro de Santa Teresa mana um óleo suavíssimo, de que recebem saúde muitos enfermos. E é muito para notar que do lugar onde está Santa Teresa morta saia óleo que dá vida, como se com este óleo dera em rosto a caridade de Santa Teresa à pouca que tiveram as virgens do Evangelho. Elas deixaram apagar as lâmpadas alheias por mais conservar o lume das suas, e Santa Teresa apagou a sua para acender as alheias. Isso quer dizer sair o óleo da sua sepultura, e o remédio da vida donde ela está morta. Com toda a verdade assim foi, porque esta foi a fineza donde nasceu a eficácia da sua intercessão. Um dia em que estava a santa mais favorecida de Cristo, disse-lhe o Senhor que pedisse o que quisesse. E que vos parece que pediria Teresa? Se fora alguma das prudentes do Evangelho, havia de pedir para si, e, quando menos, para si primeiro: o nobis havia de ir diante: nobis et vobis (14). Mas foi tanta a prudência de Teresa e tanta a sua caridade que, não pedindo nada para si, tudo pediu para nós: pediu que todas as vezes que rogasse por seus devotos, lhe concedesse o Senhor o que pedisse, e assim lhe foi outorgado. As prudentes do Evangelho nem deram o que lhes pediam, nem pediram por quem lhes pedia; Santa Teresa pediu por todos os que lhe pedissem, para poder dar tudo o que lhe pedirem. Eis aqui, cristãos, o grande e inestimável tesouro que tendes depositado naquelas mãos santas. Em todas vossas necessidades, em todos vossos trabalhos, em todos vossos perigos, em todas vossas enfermidades do corpo, e muito mais da alma, recorrei ao amparo, ao patrocínio e à caridade desta piedosa virgem que tanto pode com Deus, e vereis como vos socorre.

X

E para que conheçamos todos quanta necessidade temos dos socorros e auxílios superiores, voltemos um pouco sobre nós os olhos que até agora tivemos postos em Santa Teresa, e veremos para maior glória sua e maior confusão nossa que, se as prudentes, comparadas com ela, foram néscias, comparadas conosco, foram prudentes, tão néscios e tão imprudentes somos nas matérias de nossa salvação. As prudentes, como vimos, em comparação de Santa Teresa foram quatro vezes néscias; as néscias, em nossa comparação, foram oito vezes prudentes. Primeiramente as néscias, para se salvarem, escolheram o estado de virgens, que é tão alto e tão parecido ao do céu; *Simile est regnum caelorum decem virginibus* (15). — E muitos cristãos, que estado tomam? O da torpeza, o da sensualidade, o dos adultérios, o das afeições sacrílegas com almas dedicadas a Deus, e outras abominações ainda de piores nomes, e nisto passam um ano e outro ano, e toda a vida, vede se sois mais néscias que as néscias.

As néscias — e é a segunda prudência — saíram de suas casas, mas saíram a acompanhar o Esposo e a Esposa: *Exierunt obviam sponso et sponsae* (Mt. 25,1). E os homens ordinariamente a que saem? Uns saem só a sair, que é perder tempo, outros saem a ver e ser vistos, que é perder as almas próprias e as alheias; outros saem a jogar, a pleitear, a murmurar, que é perder o dinheiro, a fama e a consciência; e ainda quando saem à igreja, que é as menos vezes saem a ofender e injuriar a Deus em sua própria casa. Vede se somos nós os néscios mais que as néscias!

As néscias — e vai a terceira prudência — é verdade que adormeceram e dormiram, mas tanto que ouviram a primeira voz ou o primeiro clamor de que vinha o Esposo: *Tunc surrexerunt omnes virgines illae* (Mt. 25,7): no mesmo ponto se levantaram. Quantas vezes clamam os pregadores nos púlpitos, quantas vezes clamam dentro nos peitos as próprias consciências, quantas vezes clama o mesmo Deus com as vozes e com os brados de todas as criaturas — como nesta ilha -já com a terra tremendo, já com o fogo rebentando, já com as cinzas chovendo e os homens com elas sobre a cabeça, sepultados no sono do pecado e da ocasião, sem abrir os olhos, nem espertar, continuando a dormir cegos como dantes. Vede se somos nós mais néscios que as néscias!

As néscias — e é a quarta prudência — ornaram as suas lâmpadas: *Ornaverunt lampades suas* (Ibid. 7), e o mundo, onde tanto se trata hoje do ornato, de que ornato é que trata? Galas e mais galas para o corpo, sedas e mais sedas para o corpo, ouro e mais ouro, jóias e mais jóias, vaidades e mais vaidades para o corpo; e a pobre alma, desprezada, rota, despida, envergonhada, sem ter com que cobrir a fealdade e ignomínia em que os pecados trocaram a sua natural formosura! Vede se somos néscios mais que as néscias!

As néscias — e foi a quinta prudência — vendo que se lhes apagavam as lâmpadas, com ser coisa de tanta repugnância o pedir aos iguais, não duvidaram nem repararam em pedir às companheiras: *Date nobis de oleo vestro* (16). Quantos há que querem antes roubar que pedir? Quantos que querem antes vender a alma, e ainda o corpo, que pedir? Quantos e quantas que querem antes dar-se ao demônio que pedir, nem ao mesmo Deus? E não só não pedem a Deus o remédio para a necessidade, nem o socorro para a tentação, mas nem ainda depois do pecado lhe querem pedir o perdão dele! Vede se somos nós os néscios mais que as néscias!

As néscias — e vai a sexta prudência — ainda que as prudentes lhes não quiseram dar o óleo, tomaram, contudo, o conselho que lhes deram de que fossem comprar: *Ite potius ad vendentes* (17). Quantas vezes nos dão bons conselhos os confessores? Quantas vezes nos dão bons conselhos os pais? Quantas vezes nos dão bons conselhos os amigos? Quantas vezes nos dão bons conselhos os livros? Quantas vezes nos dão bons conselhos os anjos da guarda, por meio das inspirações? Quantas vezes nos dão bons conselhos os exemplos, os castigos e os casos tão raros e portentosos que vemos suceder no mundo, para que escarmentemos em cabeça alheia, e nós, contudo, tão loucos e tão desaconselhados? Vede se somos mais néscios que as néscias!

As néscias — e foi a sétima prudência — sem reparar no trabalho, nem no dinheiro, nem na autoridade, foram comprar o óleo às tendas: Dum autem irent emere (18). E nós, sendo que tudo nos custa e tudo compramos, e a tão caros preços, só o céu não queremos comprar. Há dinheiro para o apetite, há dinheiro para a vaidade, há dinheiro para a vingança, há dinheiro para o jogo, há dinheiro para a peita, mas não há dinheiro para a restituição, não há dinheiro para a esmola, não há dinheiro para as capelas e obrigação do morgado, não há dinheiro para os legados e satisfação do testamento, e quando não queremos o céu de graça, para comprarmos a peso de ouro o inferno não falta dinheiro. Vede se somos nós os néscios muito mais que as néscias!

As néscias, finalmente — e é a oitava e última prudência — vieram, ainda que tarde, bateram à porta do céu, e chamaram muitas vezes pelo Esposo: Novissime vero veniunt et reliquae virgines, dicentes: Domine, Domine aperi nobis (19). Elas vieram, bateram e chamaram; nós nem viemos, nem batemos, nem chamamos, antes, está a representação e a tragédia tão trocada em tudo, que Deus é o que vem, e nós fugimos, Deus é o que chama, e nós não respondemos, Deus é o que bate, e nós não abrimos. Vem Deus, e está batendo e chamando às portas do nosso coração: Ego sto ad ostium, et pulso (20), e nós respondemos às três Pessoas da Santíssima Trindade: Nescio vos (21). Dizei-me ou diga cada um a si mesmo: Quantos tempos há que Deus vos anda batendo à alma — e pode ser que a última vez fosse neste mesmo sermão: — Filho, eu criei-te. Filho, eu remi-te com o meu sangue. Filho, tu há de morrer. Filho, eu não te hei de salvar, nem posso, sem boas obras. Pois, que é o .que determinas? — Isto nos diz Deus, e isto vos digo eu em seu nome. — Que determinamos, cristãos, que determinamos? Esperamos que se nos feche a porta do céu? Esperamos que se nos diga para sempre: Clausa est janua(22)? As virgens que tiveram as lâmpadas acesas com boas obras entraram; as que as tiveram apagadas ficaram de fora. Respondei-me, por reverência de Deus, a duas perguntas muito breves. Pergunto: credes e tendes por fê que sem boas obras ninguém se pode salvar? Se sois cristão e católico, haveis de dizer que sim. Pergunto mais: e essas boas obras, sem as quais vos não podeis salvar, tendes-las vós ou não? Muitos há que, se hão de falar verdade, devem dizer que as não têm. Pois, se não tendes boas obras, e sem boas obras não vos podeis salvar, essa esperança que tendes de vossa salvação, em que a fundais? Há Deus de faltar à sua justiça? Há de mudar suas leis por amor de vós? Dir-me-eis que ainda que não tendes agora as boas obras, que tendes propósitos de as fazer depois. E se antes desse depois vier o Esposo: Dum autem irent emere, venit sponsus(23)? Se antes desse depois vier a morte? Se antes desse depois vos pedirem conta? Atreveis-vos a estar no inferno para sempre? Torno a dizer: Atreveis-vos a estar no inferno, a arder naquelas chamas para sempre? Este para sempre repetia muitas vezes Santa Teresa, ainda sendo muito menina, e este para sempre foi o princípio da sua oração e o primeiro fundamento da sua santidade. Com este para sempre me quero despedir de vós, e que este para sempre vos fique soando nos ouvidos e imprimindo-se nas memórias: para sempre, para sempre, para sempre.

(1) Mas cinco dentre elas eram loucas, e cinco prudentes (Mt. 25,2).

(2) Sabendo que era chegada a sua hora, amou-os até ao fim: Sabendo que ia para Deus, depôs suas vestiduras (Jo. 13,1,3 s).

(3) Vigiai, porque não sabeis o dia nem a hora (Mt. 25,3).

(4) Dai-nos do vosso azeite (Mt. 25,8).

(5) Para que não suceda talvez faltar-nos ele a nós e a vós (Mt. 25,9).

(6) Porque as nossas lâmpadas se apagam (Mt. 25,8).

(7) Ouviu-se um grito: Eis aí vem o esposo (Mt. 25,6).

- (8) Porquanto derramar ela este bálsamo sobre o meu corpo foi ungir.me para ser enterrado (Mt. 26,12).
- (9) Certas mulheres, das que conosco estavam, nos espantaram (Lc. 24,22).
- (10) E enquanto elas foram a comprá-lo, veio o esposo (Mt. 25,10).
- (11) Para que não suceda talvez faltar-nos ele a nós e a vós (Mt. 25,9).
- (12) Aquele que ama o perigo perecerá nele (Eclo. 3,27).
- (13) Porque as nossas lâmpadas se apagam (Mt. 25,8).
- (14) A nós e a vós (Mt. 25,9).
- (15) O reino dos céus é semelhante a dez virgens (Mt. 25,1).
- (16) Dai-nos do vosso azeite (Mt. 25,8).
- (17) Ide antes aos que o vendem (Mt. 25,9).
- (18) E enquanto elas foram a comprá-lo (Mt. 25,10).
- (19) E por fim vieram também as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos (Mt. 25,11).
- (20) Eis aí estou eu à porta, e bato (Apc. 3,20).
- (21) Não vos conheço (Mt. 25, 12).
- (22) Fechou-se a porta (Mt. 25,10).
- (23) Enquanto elas foram a comprá-lo, veio o esposo (Mt. 25, 10)